**A biblioteca e a cidade: cruzamentos e complementaridades**

Quando falamos de bibliotecas e de cidades estamos a falar de espaços e lugares concretos, definitivos e protetores, públicos e acessíveis. Lugares que se constroem e são feitos à medida das pessoas que por lá vivem e trabalham, naturalmente, porque por lá nasceram e ficaram, ou por vontade própria porque os escolheram, ou ainda porque assim tem que ser. Pessoas que usam esses espaços e os objetos e serviços que eles albergam; pessoas que os dirigem; pessoas que socializam e que criam redes de interesses, mais ou menos comuns, mais ou menos pessoais, e dão por isso simbolicamente “nós” entre si; criam laços, costuma-se dizer; estamos, pois, a falar de leitores e cidadãos. Foi assim que entendi o título destas jornadas (no feliz jogo com a palavra «nós» a “saltar” de pronome para nome) e o tema que me desafiaram a tratar.

Por padecer de alguns defeitos de formação, neste concreto de até olhar com muita atenção para as capas dos livros, não pude deixar de demorar algum tempo com o título que foi dado à minha intervenção. E até porque não queria que quem esperasse ouvir-me falar da biblioteca, da cidade, de cruzamentos e de complementaridades se sentisse enganado(a) pelo conteúdo que a partir dele construí. O rótulo teria de corresponder ao conteúdo. E foi assim que, até julgando responder às expetativas de quem me convidou, me comprometi em falar-vos sobretudo, ou mesmo exclusivamente, de uma biblioteca e uma cidade: Évora. Não que pretenda isolá-la, à BPE, das restantes bibliotecas públicas do país, apesar de a ver sempre tão sozinha naquele canto superior direito da página web da BN… É que mesmo sabendo-a, neste campo das tutelas, única, não tenho dúvidas que qualquer nó de uma qualquer rede de afinidades de bibliotecas é também ele único. E o mesmo acontece com cada cidade, de que gostamos mais ou menos, por razões que têm que ver com o lugar onde nascem os gostos, o coração, e que tantas vezes não encontramos razões vindas do outro lugar, a razão, para justificar. Évora até tem a particularidade de encantar muito quem lá não vive, pelo que estou descansada quanto a poder parecer um bocadinho bairrista. Vamos lá, então, começar.

Permitam-me que, por momentos, me sente confortável e metaforicamente, bem entendido, na estante 8 desta biblioteca que nos recebe em Torres Novas; ali entre o 82-91 e o 82-93. Este será o meu lugar de partida, o lugar da CDU – sigla inconfundível com qualquer outra e que, como todos sabem, significa classificação decimal universal. Peço-vos, pois, que me deixem ter como outra partitura para vos começar a falar da biblioteca e da cidade, ou melhor de «a biblioteca e a cidade», um livro infantil. Luísa Ducla Soares escreveu-o em 2008, a pedido da Câmara Municipal de Évora no âmbito de um projeto educativo de promoção da leitura com o mesmo título: *A Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas*.

Tive a oportunidade de estar presente em 2007 no almoço em que, à volta daquelas iguarias que tornam também o Alentejo tão apetecível, o desafio ter sido feito à autora, que tinha ido a um encontro com os seus jovens e entusiasmados leitores, julgo que a propósito de uma semana da leitura ou algo semelhante. Contaram-lhe a razão de ser do nome daquele projeto, que tinha já as personagens criadas pelo designer David Prazeres quando as técnicas dos serviços educativos quiseram que a história das traças e dos morcegos em bibliotecas fosse ficcionada q.b. para servir de logotipo ao projeto de promoção da leitura municipal, nascido antes do lançamento, em 2006, do Plano Nacional de Leitura. Luísa achou graça e disse que sim. A Maria João Raimundo, técnica na autarquia, encarregou-se de ilustrar o texto.

É claro que também o projeto municipal não nasceu sozinho em Évora. Ele foi o resultado de um “caldo” propício a que, nesta como noutras coisas da cultura, tudo fosse tomando gosto e consistência. É que desde dia 1 de abril de 2003, a verdade é que à frente da BPE, esteve (e continuou por 10 anos) um bibliotecário que, na senda de alguns dos diretores que ao longo dos então 198 anos de existência da BPE, revolucionou não apenas a instituição, como a própria leitura pública em Évora. É este o primeiro cruzamento de que vos falo: o de José António Calixto com a BPE e a cidade de Évora. Foi aqui, entre 2003 e 2005 (ano do bicentenário da BPE), que a biblioteca e o município, numa vontade política comum de abrir a BPE a um público mais vasto para pôr Évora a ler mais, criaram complementaridades que ainda perduram.

A edição do livro infantil em 2008 marca, de uma certa forma, o sucesso do projeto de promoção da leitura que contava, como em tantos outros por este país fora, semanas de leitura, encontros e sessões de trabalho com escritores e ilustradores, um sistema de empréstimo de sacos de livros entre a BPE, as escolas e os encarregados de educação, enfim, toda uma atividade que, relativamente desafogada em termos de verba, pôs o verbo escrito e ilustrado em formato livro a circular pelos estabelecimentos de ensino do concelho. É que para além da boa vontade entre bibliotecários e políticos, o investimento faz-se basicamente com dinheiro. Por isso me lembrei deste texto, e talvez por ter sentido na pele que enquanto responsável política pela cultura e educação em Évora entre 2009 e 2013 isso do dinheiro foi coisa do tempo do “Era uma vez”…

O texto desta história, conto de reis, começa precisamente assim:

*Era uma vez um rei*

*que tinha enorme tesouro*

*esmeraldas, diamantes*

*e muitas moedas de ouro.*

*Uma fortuna guardada*

*merecia aplicação.*

*Ali, fechada num cofre,*

*ainda chamava um ladrão.*

*- Que hei-de fazer, digam lá? –*

*perguntou ele ao serão.*

*- Antes de me decidir*

*quero a vossa opinião.*

*A rainha então lhe disse:*

*- Podias comprar para mim*

*um palácio com dez torres*

*e telhado de marfim.*

*A princesa sua filha*

*lhe falou desta maneira:*

*- Quero mil metros de sedas*

*para levar à costureira.*

*E o príncipe real*

*não se conseguiu conter:*

*- Ó pai, dê-me um batalhão,*

*que eu gosto de combater.*

*O rei franziu o nariz,*

*não ficou nada contente.*

*Ele tinha outra ideia*

*há tempos na sua mente.*

*Ergueu um grande edifício,*

*forrou-o todo com estantes*

*mandou vir imensos livros*

*no dorso de elefantes.*

*Vieram livros de barco,*

*de cavalo, de camelo,*

*das terras quentes com sol,*

*das terras frias com gelo.*

*- Que lembrança tão maluca,*

*que não lembra a um careca,*

*ir gastar tanto dinheiro*

*assim, numa biblioteca!*

Desenrolando-se num lugar impreciso e num tempo distante, a história da Fada Palavrinha e do Gigante das Bibliotecas podia ser a história de muitas antigas bibliotecas no mundo (e a última quadra pode até tirar-se deste limite temporal, já que esta coisa de gastar dinheiro a construir bibliotecas ainda é para alguns uma “lembrança maluca”). A de Évora situada, como todos saberão, em plena zona monumental da cidade está há muitos anos como costuma dizer-se “pelas pontas”. Talvez desde 1931, quando lhe foi atribuído o “benefício” de ser Depósito Legal. E creio que depois deste marco na sua história, apenas dez anos depois se inaugurou a Hemeroteca, a par da Leitura Nocturna, e se criou a câmara de desinfestação de livros e a oficina de encadernação e restauro, bem como se construiu a Sala Novíssima e a Casa Forte.  E só 64 anos depois, em 2005, no aniversário dos seus 200 anos, aconteceu outro marco importante assinalado com a inauguração do serviço de empréstimo domiciliário, a abertura da página web, e um conjunto de atividades de apresentação da Biblioteca e de promoção da leitura que resultou no projeto ÉVORA CIDADE DE LEITURA. Este projeto, que pôs de facto a BPE a fervilhar de eventos à volta dos livros e da leitura, foi candidato vencedor ao financiamento pela Fundação Calouste Gulbenkian, decorreu no triénio 2007-2009, tendo como parceiros a Câmara Municipal (CME), a Fundação Eugénio de Almeida (FEA) e a Universidade de Évora (UÉ) através do Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (CIDEHUS-UÉ). E em 2009 aconteceu a última remodelação na BPE, a da Hemeroteca. Julgo que a mais importante mudança a assinalar que até agora decorreu no novíssimo mandato, iniciado em janeiro de 2014, da sua atual diretora, Zélia Parreira, terá sido o manter-se a BPE aberta à hora de almoço e aos sábados de manhã, proeza que um sem-conta de vezes foi tentada por José António Calixto, pela imensa lacuna que tal situação representava, e nunca conseguida pela exiguidade de funcionários que ali trabalha. Resolveu-se agora com uma boa parte do serviço em regime de voluntariado.

O projeto ÉVORA CIDADE DE LEITURA foi possível pela conjugação de vários nós que se deram entre a própria BPE e os parceiros acima mencionados, mas também graças ao Fórum das Bibliotecas Escolares do Concelho de Évora – FORBEV, uma estrutura mais uma vez criada por iniciativa da BPE, mais ou menos formal, que organizou momentos de discussão e debates em 2007 e 2008. Aliás, a experiência desses nós criados pelo FORBEV, juntando-se a outros nós dados com o projeto BIBCOM, prémio Ideias com Mérito 2008 atribuído pelo Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) à Escola Secundária Gabriel Pereira e aos Agrupamentos com sede nas Escolas André de Resende, Santa Clara e Conde de Vilalva, assim como o impulso dado com a integração da Universidade de Évora solicitada pelos responsáveis do BIBCOM e da CME, deram origem à RBEV, a Rede de Bibliotecas de Évora formalmente constituída em 2012. Como é dito em página web própria, a RBEV «tem a dimensão da Cidade». Esta rede pode-se considerar uma referência na área das bibliotecas, já que se define «como uma estrutura de cooperação aberta à livre participação de todas as bibliotecas do concelho, visando o desenvolvimento da ligação entre as escolas, as instituições de ensino superior e a autarquia.» Os cruzamentos e as complementaridades não poderiam ser mais evidentes.

Mas voltando à história do rei e da sua biblioteca, e à falta de mecenas tão abonado, o edifício de sonho para a BPE continua a ser isso mesmo. Foram várias as tentativas entre 2005 e 2009 para avançar com a construção de um novo edifício e que, se em sua grande parte falharam por falta de verba, também se depararam com a dificuldade de negociação dos terrenos numa zona aparentemente consensual para que a nova Biblioteca de Évora fosse ali construída. Digo aparentemente porque também se ouviram as vozes contra, algumas só porque sim, da sua saída do Centro Histórico como, com o passar dos anos vazios, já se equacionaria se a primeira zona idealizada seria a melhor zona para essa nova biblioteca, a albergar também o arquivo distrital e a biblioteca da UÉ.

Ora a história da Fada Palavrinha e do Gigante das Bibliotecas tem, a páginas tantas, estas duas quadras:

*Isto dizia a família*

*e diziam os vassalos:*

*- Ficar sentadinho a ler*

*no rabo até faz calos.*

*O rei não quis dar ouvidos*

*a gente tão ignorante,*

*tinha gosto de aprender*

*como se fosse um estudante.*

E é aqui que entra o outro cruzamento entre a biblioteca e a cidade: a «Loja dos Sonhos – Promoção da Leitura em Movimento», a biblioteca itinerante que orgulhosamente impulsionei no meu mandato de vereadora. Acreditem que todo o processo deste “anti-calos-no-rabo” dos livros dava outra história de encantar! Mas também vos devo dizer que nunca terei palavras nem grelhas de SIADAP suficientes para agradecer e reconhecer aos poucos mas bons técnicos que tanto se empenharam, e um bocadinho também àqueles que pelo menos não atrapalharam, na concretização deste projeto para estreitar os nós entre os cidadãos e os livros no concelho de Évora. Deixem-me, pois, que vos fale nesta segunda parte da minha intervenção nesta loja de tanta conveniência, assim a saibam continuar a explorar.

Inaugurada em 2004, a “Loja dos Sonhos” tem sido um recurso socioeducativo da CME com um importante papel dinamizador dos projetos educativos da autarquia. Na sua génese está uma parceria com a ex-Direção Regional de Educação do Alentejo, que afetou uma Educadora de Infância ao recurso e contou com a colaboração da Fundação Calouste Gulbenkian. Este espaço municipal visava estimular a aprendizagem, disponibilizando ferramentas como são os recursos audiovisuais e multimédia e contribuir para a qualidade da educação, com as novas tecnologias, preparando os mais miúdos para a sociedade de informação. Após 2008, com a campanha dos Magalhães que, com eficácia democrática distribuiu um computador para cada aluno, bem como com os investimentos central e local que equiparam, depois, todas as escolas do concelho de Évora com computadores e Internet, a vertente TIC da Loja dos Sonhos estava, de certa forma, ultrapassada. E foi assim que, a partir de 2010 começámos a pensar – CME e BPE – numa biblioteca itinerante para Évora. E aí está a “Loja dos Sonhos – Promoção da leitura em movimento”, com empréstimo domiciliário gratuito de livros, revistas, cd’s e dvd’s, para consulta de periódicos e desenvolvendo, sob a responsabilidade de dois educadores de infância, ações lúdico-pedagógicas para as comunidades pré-escolar e escolar. A ideia avançou mais uma vez com o financiamento da Gulbenkian que o subsidiou em 10 000 euros para aquisição de fundos, de placas indicadoras das paragens de bibliobus, para uma máquina de impressão de cartões de leitor, através do Programa Gulbenkian de Língua Portuguesa (PGLP). Os recursos humanos e a adaptação do autocarro seriam da responsabilidade do município, a gestão do fundo documental da parte da BPE.

Como ainda está, julgo eu, claramente apresentada na página web da CME, a nossa itinerante surge, e cito:

«*Na sequência da estratégia de intervenção definida pela Câmara Municipal de Évora, enquanto membro da rede das Cidades Educadoras* [uma rede internacional de cidades que priorizei sempre e que me parece ter um enorme potencial na educação para a cidadania]*, na qual a Educação surge como um pilar central para a fruição sociocultural e económica da cidade, assume especial destaque a aposta do município no que concerne à promoção do livro e da leitura junto dos eborenses.*»

Re-transformado pelos serviços internos do município, o autocarro teve no ano letivo 2012/2013 a sua viagem re-inaugural, tendo já estado anteriormente em eventos pontuais, como a Feira das Festas da Cidade em Junho ou os programas de ocupação de tempos de férias na Páscoa e no Verão. Mas o percurso, a regularidade, os locais de paragem começaram a acontecer nesse ano letivo, depois de bem preparados enquanto o “botox” se encarregava do autocarro.

Os resultados deste primeiro ano não são particularmente brilhantes, como se pode ver no quadro 1, sobretudo no que aos empréstimos à população em geral dizem respeito. Mas, como todos os que aqui estamos sabemos, estas “coisas” levam tempo.

Quadro 1

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| Freguesias (desagregadas)/**Localidades**(nº de habitantes - censos 2011) | JI + 1ºCEBvisitas | JI + 1ºCEBempréstimos | População adultavisitas | População adultaempréstimos |
| S. Bento do Mato/**Azaruja**(**1151**) | 129 | 94 | 19 | 14 |
| **Boa Fé**(**322**) | 37 | 40 | 2 | 6 |
| Nª Sr.ª da Graça do Divor/**Graça do Divor**(**486**) | 137 | 90 | 6 | 5 |
| Nª Sr.ª da Guadalupe/**Guadalupe**(**465**) | 23 (só JI) | 16 | 9 | 10 |
| **Nª Sr.ª de Machede**(**1123**) | 81 | 69 | 35 | 8 |
| **São Manços**(**938**) | 187 | 161 | 11 | 17 |
| **São Miguel de Machede**(**794**) | 126 | 94 | 8 | 8 |
| **São Sebastião da Giesteira**(**760**) | 169 | 147 | 9 | 25 |
| **Torre de Coelheiros**(**715**) | 19 (só 1ºCEB) | 15 | 3 | 3 |
| Nossa Senhora da Tourega/**Valverde**(686) | 16 (nenhuma visita do 1ºCEB) | 2 | 17 | 15 |
| S. Vicente do Pigeiro/**Vendinha**(**364**) | 77 | 71 | 33 | 46 |
| **Totais** | 1001 | **799** | 152 | **157** |

O primeiro relatório feito pelos serviços afetos termina com estas palavras que refletem o empenho de quem trabalha neste equipamento municipal:

*«Muito haverá a melhorar mas de um modo geral o balanço é positivo. O feedback recebido por parte dos estabelecimentos de educação e ensino e da população em geral, ainda que a afluência desta não tenha sido tão grande como o expetável, foi muito positivo. A maior satisfação fez-se sentir nas crianças para quem a Loja dos Sonhos continua a ser um espaço onde podem sonhar e fugir à rotina.»*

Mas também os custos, considerados por todos um investimento, se apresentam neste relatório, num total de 60.661, 99€ neste ano inaugural, e onde se incluem as despesas de readaptação do autocarro (cerca de 8.500€), os salários de três técnicos (nenhum deles bibliotecário!) e um motorista (cerca de 41.500€) e do transporte (à volta de 10.500€ de gasóleo para o autocarro e um carro de apoio, já que, na Loja dos Sonhos, só viaja o motorista e um técnico). Nos tempos que correm diria que é um luxo, mas afiançam-me os que todos os dias “pegam” e “largam” naquelas funções que tem de ser assim. Ainda envidei alguns esforços para que um dos técnicos obtivesse, a despesas da CME, a carta de condução de pesados, mas também a sua precária situação profissional no município foi sempre atrasando o processo que desconheço em que ponto vai.

E vou terminando dizendo-vos que tudo o que ainda se pode passar dentro daquele autocarro, com relativamente poucas verbas a investir, acreditem-me, é o que se passa, à escala, em qualquer biblioteca pública. O passo mais difícil foi dado em 2012 e com ele todo um caminho que cruzamentos e complementaridades, que é como quem diz boas companhias, podem juntar mais de nós, cidadãos eborenses de todo o concelho e afastados do Centro Histórico, à BPE. É assim que formamos um todo: nós, os habitantes da cidade, e as bibliotecas. Uma em grande edifício forrado todo com estantes, outra que leva parte deste rico recheio de palácio à população mais distante, na esperança que se cumpra, em jeito de profecia, o que as quadras de Luísa Ducla Soares descrevem com alegria:

*Cheio de curiosidade,*

*o povo desse país*

*quis todo aprender a ler*

*para lá meter o nariz.*

*Leu os livros de aventuras,*

*de ciências naturais,*

*os de banda desenhada,*

*e ainda leu muitos mais.*

*Na biblioteca estudou,*

*nela se fartou de rir,*

*porque os livros também servem,*

*afinal, para divertir.*